



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PERCEPÇÕES DE ALUNOS SOBRE AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

Bárbara Chagas da Silva; Isabel Cristina Rodrigues de Lucena

Universidade Federal do Pará – chagas_b@yahoo.com.br; Universidade Federal do Pará - ilucena19@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta reflexões sobre os termos avaliação das aprendizagens e autoavaliação (FERNANDES, ALBUQUERQUE, KRAEMER, VILLAS BOAS) por meio de percepções manifestadas por alunos de 4º ano do ensino fundamental. Trata-se de um trabalho em nível de iniciação científica vinculada ao Avaliação e Ensino na Educação Básica em Portugal e no Brasil: Relações com as aprendizagens – AERA (CAPES/FCT, 2014-2016) que está em execução por meio de cooperação internacional entre a Universidade Federal do Pará - UFPA e a Universidade de Évora (Portugal). Entrevistas e observações em sala de aula foram os principais instrumentos de recolha de informações. Da experiência neste trabalho, em nível de iniciação científica, é possível afirmar que há necessidade de mudanças quanto às práticas avaliativas que ainda vigoram fortemente no contexto escolar. Os alunos demonstraram perceber que avaliações sem sentido para a melhorias de suas aprendizagens tem pouco valor. Manifestaram interesse pelo novo, o diferente e menos excludente/classificatório.

Palavras-chave: Avaliação, autoavaliação, alunos.

INTRODUÇÃO

Ao falar de práticas avaliativas em matemática é comum pensarmos inicialmente em provas ou testes haja visto que grande parte da nossa população teve esses instrumentos como próprios e por vezes únicos meios de mensurar aprendizagens. O meio escolar é marcado por práticas avaliativas. Podemos compreender como Kraemer (2005), que a avaliação é uma operação descritiva e informativa nos meios que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

emprega, mas formativa na intenção que lhe preside e, independente face à classificação. De âmbito mais vasto e conteúdo mais rico, a avaliação constitui uma operação indispensável em qualquer sistema escolar. Portanto, avaliar é inerente à prática escolar.

Contudo avaliação ainda está para um conceito restrito e referente à congruência – o professor avalia se o que o aluno aprendeu confere com o ensinado – geralmente é destacado das práticas de ensino-aprendizagem, de registro escrito e individual. Como afirma Albuquerque (2012), a produção escrita e solitária como único recurso avaliativo é ainda muito presente e, desta maneira, o aluno é tolhido de uma gama de oportunidades para demonstrar sua criatividade e dificuldades, vê-se submetido a reproduzir o que treinou durante as aulas.

Assumir o isolamento dos alunos para os momentos de avaliação também reforça a não necessidade de incluí-los em seu próprio processo avaliativo. Entendemos que as posturas dos alunos frente aos processos que avaliam suas aprendizagens vão sendo construídas ao longo das trajetórias escolares por onde passam. E se é assim, então, cabe-nos buscar quais percepções os alunos vêm construindo sobre o assunto avaliação.

A primeira autora é bolsista de iniciação científica (PIBIC-UFPA) sob orientação da segunda, ambas vinculadas ao projeto de pesquisa em cooperação internacional (UFPA-Universidade de Évora), intitulado AERA - Avaliação e Ensino na Educação Básica em Portugal e no Brasil: Relações com as aprendizagens – (apoio CAPES/FCT, 2014-2016), como tal, apresentamos nesse texto alguns resultados do plano de trabalho de iniciação científica que teve como objetivo central identificar a percepção de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a participação que possuem em seus próprios processos de aprendizagem e de avaliação.

Como apoio teórico nos valem de estudos e pesquisas principalmente de Albuquerque (2012), Kraemer (2005), Fernandes (2006) e Villas Boas (2008). As



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

reflexões sobre as percepções dos alunos tiveram como base, principalmente, compreensões sobre avaliação e autoavaliação com vistas à melhoria das aprendizagens em matemática veiculadas pela escola.

O levantamento de informações contou com a colaboração de dois grupos de alunos do ensino fundamental pertencentes a duas escolas públicas de Belém-PA-Brasil.

METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho, a pesquisa foi dividida em quatro etapas, sendo elas: 1. Estudos teóricos sobre a temática; 2. Observação das aulas; 3. Entrevistas desenvolvidas pela equipe do projeto AERA com alunos do 4º ano do ensino fundamental; 4. Escrita do texto considerando as informações obtidas e os estudos realizados.

O primeiro momento de recolha de informações se deu com a observação em sala de aula de duas escolas pública, em turmas de 4º ano do ensino fundamental. O período de observação foi de 16h/a em cada escola. Os itens observados fazem parte do projeto maior (AERA) e também nos auxiliou no trabalho ora em apresentação, tais como, organização e desenvolvimento do ensino, tarefas solicitadas pelos docentes, seus objetivos, participação dos alunos, instrumentos, funções e tipos de avaliação entre outros.

Quanto as entrevistas, tiveram duração de uma hora, em média, e foram realizadas com quatro grupos focais. Cada grupo foi constituído por cinco alunos. O roteiro das entrevistas foi elaborado pela equipe do projeto AERA e traziam questões sobre ensino, avaliação, as relações na sala de aula dentre outras que pudessem comparecer no momento da pesquisa. É importante destacar que todas as entrevistas tiveram seus áudios gravados para melhor analisar e interpretar as informações.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A perspectiva de identificar a percepção de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a participação que eles possuem em seus próprios processos de aprendizagem e de avaliação está para a compreensão da relevância do envolvimento dos alunos no contexto avaliativo de suas próprias aprendizagens, pois, em concordância com Albuquerque assumimos que:

Considerar o que os alunos têm a dizer sobre seu próprio desempenho não só ajuda o professor no processo de avaliação, mas os próprios alunos a tomarem consciência de sua aprendizagem e seu desenvolvimento como aluno. (ALBUQUERQUE, 2012. p. 58).

Porém, das experiências observadas pelo AERA e em outras pesquisas, a voz dos alunos não tem tido o devido destaque para com os processos de avaliação selecionados pelos professores em geral.

Nas observações realizadas e, mais ainda durante as entrevistas com os alunos, foi possível verificar a pouca participação (e por vezes nenhuma) que esses alunos apresentaram em seu próprio processo avaliativo. Os professores em geral tomaram para si, de modo isolado, as escolhas dos instrumentos, os objetivos e as estratégias para avaliar as aprendizagens. Os alunos não foram chamados a essa construção, mesmo sendo eles o alvo principal. Também não houve explicitação dos objetivos de ensino e orientações para que o aluno percebesse suas aprendizagens durante o percurso das aulas. Ao aluno não foi apresentado o sentido de onde se queria chegar com o assunto abordado nem tampouco o direito de discutir, de construir junto, como seria o acompanhamento das aprendizagens. A avaliação sempre foi mostrada na perspectiva de verificação e não na de melhorar as aprendizagens.

No entanto, os alunos manifestam posição sobre o tema avaliação mais próxima da melhoria de suas aprendizagens. Apesar de responderem, de maneira unânime sobre como o professor avalia: “com uma prova!”, ainda demonstraram



importar-se com as próprias aprendizagens via avaliação. Vejamos a sugestão de um dos alunos:

“As provas deveriam ser em grupo, pra gente não fazer sozinho. As pessoas iam ajudar os outros e assim ia ser melhor. A gente ia aprender mais por que iam ter outras ideias” (Aluno do grupo 1, entrevista em Agosto de 2015).

Essa perspectiva do aluno faz jus ao que Fernandes (2006, p.30) sintetiza sobre problemas e insuficiências das práticas avaliativas, tais como:

“a) a convicção, por parte de muitos professores, de que, através dos testes, estão a avaliar aprendizagens profundas, com compreensão, quando a investigação sugere que o que se está realmente a testar são, de modo geral, mais procedimentos rotineiros e algorítmicos e menos competências no domínio da resolução de problemas; b) a correção e a classificação de testes e de quaisquer outras tarefas avaliativas dão, em geral, poucas ou nenhuma orientações aos alunos para melhorar, reforçando as suas baixas expectativas e o baixo nível das aprendizagens; (...) f) a função certificativa e classificativa da avaliação, a atribuição de notas, está claramente sobrevalorizada em detrimento da função destinada a analisar o trabalho dos alunos para identificar necessidades e para melhorar as aprendizagens; (...)”

Ainda outro aluno manifesta percepção de avaliação para além do momento pontual da prova quando diz: “Eu acho que ela [professora] deveria avaliar também os nossos trabalhos na sala, o que fazemos antes da prova. Mas não, ela só avalia a prova. Os trabalhos não adiantam nada” (Aluno do grupo 1, entrevista em Agosto 2015).

Kraemer (2005), contribui para o debate sobre ao afirmar que os métodos de avaliação ocupam, sem dúvida, espaço relevante no conjunto das práticas pedagógicas aplicadas ao processo de ensino e aprendizagem. Avaliar, neste contexto, não se resume à mecânica do conceito formal e estatístico; não é simplesmente atribuir notas, obrigatórias à decisão de avanço ou retenção em determinadas disciplinas. Porém, ainda é muito presente no contexto brasileiro a avaliação a serviço da verificação de aprendizagens e ponderado por classificações e comparações entre alunos. Em Villas Boas (2006) há a afirmação de que na educação escolar brasileira, ainda se encontram



fortes traços da avaliação classificatória, seletiva e excludente. Para ela, ainda se avalia para dar nota e para aprovar ou reprovar os alunos. Isto também esteve muito presente nas práticas observadas pelo projeto AERA.

Ao que se refere à autoavaliação, ficou claro que a maioria dos os alunos desconhecem o termo e a prática. Nos três grupos pesquisados, ao serem perguntados “Vocês sabem o que é autoavaliação” foi recorrente respostas do tipo: “Não! É alguma prova mais difícil?”; “Não, eu nunca ouvi falar”; “Não, a professora nunca passou pra gente”.

Compreendemos de acordo com Villas Boas (2008), que a autoavaliação é um processo pelo qual o próprio aluno analisa continuamente as atividades desenvolvidas e em desenvolvimento, registra suas percepções e seus sentimentos e identifica futuras ações, para que haja avanço na aprendizagem. Com esse pensar, esclarecemos durante a entrevista o significado de autoavaliação e seguidamente, um dos alunos manifestou sua percepção sobre o assunto: “Se a gente fizesse essa autoavaliação, isso ia nos ajudar a aprender mais, não íamos cometer o mesmo erro. Eu gostaria de fazer” (Aluno do Grupo 2, entrevista em Agosto de 2015).

De nossa parte, compreendemos tal como Costa (2013) quando diz que a autoavaliação realizada na forma processual pode ser um elemento muito importante na prática avaliativa. Requer uma análise, por parte do aluno, de todos os elementos envolvidos no seu processo de aprendizagem (aspectos cognitivos e atitudinais), levando ao registro de suas percepções e seus sentimentos, identificando futuras ações. Ainda segundo Costa, a autoavaliação quando inserida na prática avaliativa, não deve estar vinculada à atribuição de notas, mas faz-se necessário que o aluno perceba a sua importância, pois, a partir dela, o aluno terá oportunidade de fazer o seu próprio diagnóstico e envolver-se com alternativas que possibilitem progressões no desenvolvimento das suas aprendizagens.

Percebemos por meio do depoimento dos alunos, que apesar das vivências com um tipo de avaliação mais voltada para aspectos de verificação e classificação, há



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

percepções que indicam possibilidades de mudanças. Albuquerque (2012) contribui com nossa reflexão quando afirma que métodos avaliativos dinâmicos e significativos não são uma necessidade apresentada apenas pelos especialistas em avaliação, mas também é um desejo de muitos alunos que se sentem limitados diante dos clássicos métodos avaliativos.

CONCLUSÕES

A caminhada realizada até aqui no âmbito da iniciação científica, mostrou o quanto a tarefa de avaliar é complexa, envolve aluno, professor, currículo, aprendizagens e ensino. Além disso, avaliar nos anos iniciais ainda torna-se mais desafiador. Incentivar os pequenos a buscar conhecimentos, a inovar, estimular suas criatividade e valorizar suas experiências, suas ações, seus erros é algo que necessita de competência, empenho e dedicação.

Da experiência neste trabalho é possível afirmar que há necessidade de mudanças quanto às práticas avaliativas que ainda vigoram fortemente no contexto escolar. Os alunos demonstram perceber que avaliações sem sentido para a melhorias de suas aprendizagens tem pouco valor. Manifestam interesse pelo novo, o diferente e menos excludente/classificatório.

Vale dizer que a prova como instrumento avaliativo precisa ser resignificada além de deixar de ser supervalorizada. Há de se valorizar outros meios de avaliação, que contribuam com as aprendizagens dos alunos, incentivando suas ações de reflexão e criatividade, tais como as comunicações orais, os debates em grupo, as sínteses de aprendizagens, os portfólios entre outros.

Um forte aprendizado que pudemos tirar deste trabalho, com base nos resultados da investigação, é a importância de ouvir os alunos. Eles têm muito a dizer sobre o processo avaliativo no qual estão imersos, sobre as práticas de ensino com



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sugestões de melhoria, sobre as relações na sala de aula e que pode contribuir, ou não, para as aprendizagens. Ao ouvi-los tendemos a refletir sobre o que dizemos, o que pregamos e o que praticamos em termos de avaliação com vistas à possíveis melhorias de aprendizagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, L. C. **Avaliação da aprendizagem**: concepções e práticas do professor de matemática dos anos finais do ensino fundamental. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2012.

COSTA, P. S. **Eu não consigo pensar**: o que as provas representam para os alunos e professores? In: Revista de Educação. PUC-Campinas, Campinas, n.25, p. 67-73, dezembro, 2008.

FERNANDES, Domingos. **Para uma teoria da avaliação formativa**. In: Revista Portuguesa de Educação, 19(2), 2006. pp. 21-50.

KRAEMER, M. E. P. **Avaliação da aprendizagem como construção do saber**. In: V Colóquio internacional sobre gestão Universitaria en América del Sur. Mar del Plata, Dezembro, 2005.

VILLAS BOAS, B. **Avaliação formativa e formação de professores**: Ainda um desafio. Linhas Críticas, Brasília, v. 12, n. 22, p. 75-90, jan./jun. 2006

VILLAS BOAS, B. **Virando a escola do avesso por meio da avaliação**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.